



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Júlia Bossa Antonioli

**OS DESAFIOS DA SALA DE AULA E A AUTOCONSTITUIÇÃO DOCENTE**

Porto Alegre

2. Semestre

2019

Júlia Bossa Antonioli

## **OS DESAFIOS DA SALA DE AULA E A AUTOCONSTITUIÇÃO DOCENTE**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarice Saete Traversini.

Porto Alegre

2. Semestre

2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais, que são meus maiores exemplos e estiveram presentes em todos os momentos. Agradeço por não medirem esforços para que eu pudesse viver essa experiência da graduação da melhor forma possível, por acreditarem em mim, pelos ensinamentos, pelo apoio e amor incondicionais.

Agradeço a minha irmã Cibele, minha amiga e confidente, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando a correr atrás dos meus objetivos e dando os melhores conselhos. Tu és uma grande inspiração para mim.

Agradeço imensamente a professora Clarice, pela confiança, dedicação, pelas orientações e apontamentos tão pertinentes e assertivos, por aceitar ser a minha orientadora e acreditar no meu potencial. Minha eterna admiração e gratidão a você, Clarice!

Agradeço à minha orientadora de estágio Maria Stephanou, que de uma forma única enriqueceu minha trajetória com seu acolhimento e sensibilidade e me motivou a superar os desafios da docência. Foi e sempre será um grande exemplo para mim.

Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa sobre Educação e Disciplinamento (GPED) pelas ricas discussões e contribuições. Mesmo participando por um curto período, os aprendizados foram muito significativos e estão refletidos nesta pesquisa.

Agradeço aos colegas de curso com os quais convivi durante os quatro anos da graduação e que foram importantes ao longo dessa trajetória. Em especial às minhas amigas Luana e Andria, com as quais dividi muitos momentos felizes e que tornaram essa jornada mais especial.

Agradeço aos meus familiares que amo tanto e que, mesmo de longe, me apoiaram e vibraram com cada conquista do meu percurso acadêmico. Me sinto realizada de compartilhar esse momento com vocês.

Agradeço ao meu namorado, meu companheiro e amigo, que sempre me incentivou e esteve comigo, tornando essa experiência mais leve e alegre. Sou muito feliz contigo!

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, estiveram presentes e contribuíram para a minha formação profissional. Obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa teve, como objetivo, analisar a minha autoconstituição docente a partir de práticas curriculares com foco na disciplina-corpo durante o estágio. Caracteriza-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo como procedimento a análise documental feita a partir do Diário de Classe e Diário de Avaliações produzidos durante o estágio. Como metodologia da análise dos dados descritivos, foi empregada a Análise Textual Discursiva. Foram selecionados três conceitos teóricos: Disciplina-corpo na escola contemporânea, Prática curricular e o exercício da docência e Constituição docente: um processo de reflexão sobre o modo de ser professora. A partir dos materiais e conceitos teóricos enumeram-se três “achados” de pesquisa: a) Colocando a “mão na massa”: os trabalhos manuais potencializando aprendizagens, b) “Profe, conta mais uma? ”: As histórias de terror e dimensões criativas; e c) “Avaliar para punir? Não! Avaliar para aprender e divertir”. Em síntese, a proposição e reflexão sobre os planejamentos diários, entendidos neste Trabalho de Conclusão de Curso como práticas curriculares, tornam-se qualificadas possibilidades de autoconstituição da docência, ainda mais quando o grupo desafia a docente a propor intervenções para lidar com o que chamamos de indisciplina escolar, para constituir o sujeito-aluno.

**Palavras-chave:** Autoconstituição docente. Práticas curriculares. Indisciplina escolar. Anos iniciais.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividade referente à leitura “Condomínio dos monstros”.....	30
Figura 2 - Ditado de palavras e frase.....	33
Figura 3 - Organização prévia do Ditado .....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 DISCIPLINA-CORPO, PRÁTICA CURRICULAR E CONSTITUIÇÃO DOCENTE: ESCOLHAS TEÓRICAS .....</b>	<b>12</b>
2.1 DISCIPLINA-CORPO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA .....	12
2.2 PRÁTICA CURRICULAR E O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA .....	15
2.3 CONSTITUIÇÃO DOCENTE: UM PROCESSO DE REFLEXÃO SOBRE O MODO DE SER PROFESSORA .....	18
<b>3 OS CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
<b>4 A PROCESSUALIDADE DA DOCÊNCIA.....</b>	<b>27</b>
4.1 COLOCANDO A “MÃO NA MASSA”: OS TRABALHOS MANUAIS POTENCIALIZANDO APRENDIZAGENS .....	27
4.2 “PROFE, CONTA MAIS UMA?” AS HISTÓRIAS DE TERROR E DIMENSÕES CRIATIVAS.....	31
4.3 AVALIAR PARA PUNIR? NÃO! AVALIAR PARA APRENDER E DIVERTIR.....	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A minha<sup>1</sup> experiência como docente iniciou-se com um estágio não obrigatório realizado durante dois anos da minha formação acadêmica. Fui estagiária volante<sup>2</sup> de três turmas dos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, de uma escola da rede privada de Porto Alegre-RS. Meu trabalho foi mais intenso com a turma composta por estudantes do 2º e 3º ano, e a partir daí surgiu o grande interesse e afinidade pelos Anos Iniciais.

Na oitava etapa de formação do curso de Licenciatura em Pedagogia propõe-se um estágio obrigatório, e eu sabia que optaria pelos anos iniciais, visto que a vivência no estágio anterior havia sido muito positiva e satisfatória. Escolhi uma orientadora — que foi fundamental para o desenvolvimento do estágio pelo apoio constante —, uma escola da rede pública estadual e, ao conversar com a escola, demonstrei preferência por trabalhar com uma turma de 2º ano.

Minha primeira percepção da escola foi otimista, espaços bem organizados, amplos e limpos, funcionários receptivos, materiais disponíveis. Ao me dirigir para conhecer a turma, que assumiria em poucos dias, já fui informada pela coordenadora da escola de que era uma turma “difícil”, “agitada”. Mais tarde ouviria comentários de que era “a pior turma da escola”, a turma que mais “dava” problemas para a direção.

Nas primeiras semanas de observação já pude identificar o perfil da turma: agitada, alunos desinteressados pelas propostas, uma discrepância muito grande entre os níveis de aprendizagem. Na alfabetização, alguns estudantes no nível alfabético, outros no pré-silábico, de acordo com os níveis de leitura e escrita propostos pela autora Emília Ferreiro<sup>3</sup>. A professora titular fazia diversas reclamações em relação à turma, e sentia-se desmotivada para conduzir o grupo.

Em um primeiro momento, cogitei que pudesse ser uma questão de afinidade entre a professora titular e a turma, e que por essa razão eles eram tão agitados e resistentes às propostas. Assim que assumi a turma, percebi que não era bem assim. Mesmo propondo atividades diferenciadas e sendo atenciosa, a turma continuava muito “borbulhante”, para usar

---

<sup>1</sup> Opto por redigir o presente trabalho na primeira pessoa do singular, conforme Veiga-Neto (2014) justifica seu uso para textos monoautorais.

<sup>2</sup> Como estagiária volante, minha função era auxiliar as professoras das três turmas, de acordo com a necessidade de cada uma.

<sup>3</sup> Emília Ferreiro é uma psicóloga e pesquisadora que, ao realizar sua pesquisa sobre como um sujeito aprende, concluiu que a evolução da leitura e escrita passa por quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

a expressão da minha orientadora Maria Stephanou, e indiferente quanto à mudança de professora. Alguns até com certa resistência às minhas orientações.

Com o passar das aulas, foram necessárias algumas mudanças na conduta enquanto professora que me possibilitaram momentos de reflexão. Com uma turma que demandava muita atenção e disciplina, precisei ser “mais firme” na maneira de falar, nas combinações, e ganhar aos poucos a confiança e respeito dos meus estudantes.

Assumi algumas condutas que sempre condenei em outros professores, como por exemplo escrever o nome do aluno que estava atrapalhando a aula no quadro, e tais atitudes geraram muitas inquietações. Em muitos momentos refleti se estava agindo corretamente, se estava sendo uma boa professora ou se estava somente reproduzindo práticas abomináveis de professores com os quais tive contato durante minha trajetória como estudante.

Tais condutas também me permitiram aprender mais sobre o exercício docente na sala de aula. Enfrentei diversos desafios ao longo do estágio, buscando estratégias e ferramentas para contornar os contratempos que aconteciam a todo momento, para acalmar e resgatar a atenção da turma, e também atividades que contemplassem a maioria dos estudantes, pois aprendi que não conseguiria atingir todos ao mesmo tempo, com a mesma atividade.

Minha experiência como professora estagiária também me permitiu viver momentos gratificantes, com propostas bem-sucedidas na medida em que eu ia conhecendo melhor a turma. A partir desses momentos também fui adquirindo mais segurança para fazer a gestão da sala de aula. Aos poucos fui resgatando a autoestima do grupo, descobrindo os interesses, construindo projetos didáticos e possibilitando avanços nas aprendizagens, em especial as questões da alfabetização, que eram a maior preocupação em relação às competências que deveriam ser alcançadas nesta etapa escolar.

Contudo, somos movidos pelos desafios e os maiores aprendizados surgem das dificuldades. A questão mais marcante do estágio, que permaneceu pulsante na minha cabeça mesmo após a conclusão deste período, foi o grande desafio de ser professora de uma turma “borbulhante”, com questões de indisciplina frequentes. Fui mobilizada a pensar os motivos pelos quais os

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.



estudantes agiam de determinada forma, o porquê das desavenças, do desrespeito e da falta de disciplina.

Ao usar o termo “disciplina” pensando no contexto escolar, estou ciente de que existem dois entendimentos: “o eixo cognitivo (disciplina-saber) e o corporal (da disciplina-corpo)” (VEIGA-NETO, 2001). Neste trabalho deter-me-ei ao eixo corporal, relacionado à disciplina comportamental, com a qual tive maior contato e que exigiu mais de mim como professora para fazer a gestão da sala de aula durante o período do estágio.

Embora tenha vivenciado esse eixo na docência do estágio, não discorrerei acerca da disciplina relacionada ao saber, mas deixo aqui registrado que, apesar dos dois conceitos serem classificados separadamente, eles se interligam por um objetivo específico em comum. Parte-se do pressuposto que o corporal está associado a códigos explícitos (regras), espaços-temporais de condutas, movimentos, enquanto o cognitivo está subordinado a delimitações dos discursos (VEIGA-NETO, 1996). Isto é, ambos atuam no sentido de inserir todos os indivíduos aos códigos e condutas da nossa sociedade, tornando-os produtivos e autogovernáveis (FOUCAULT, 1987).

A partir dessa ideia e colocando a escola como cenário a ser analisado, é possível compreender que ambas as práticas disciplinares atuam no sentido de normalização dos estudantes, para que estes se adequem às normas de conduta prescritas e desejadas pela escola, tanto no quesito comportamental quanto de competências de aprendizagem.

Na mesma vertente de Xavier (2003) também compartilho do interesse pelas questões disciplinares comportamentais por entender que este tema merece maior atenção e visibilidade, visto que é um dos problemas mais recorrentes enfrentados por professores e escolas.

À medida que buscava entender melhor sobre a disciplina e suas práticas em sala de aula, surgiram novas questões a serem analisadas, mas me propus a pensar com maior profundidade e dar destaque para uma em especial. Trata-se do objetivo do presente trabalho:

**analisar a minha autoconstituição docente a partir de práticas curriculares com foco na disciplina-corpo**

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

**durante o estágio.** A partir do objetivo geral, foram elencados dois objetivos específicos: a) Analisar práticas curriculares inventadas por mim para lidar com a indisciplina escolar; b) refletir sobre os aspectos que foram significativos durante a trajetória do estágio para a autoconstituição docente.

A escolha por priorizar essas questões em detrimento de outras se deu principalmente em função de uma grande mudança e transformação do meu papel de professora. Ter uma turma intensamente agitada e o desafio de cumprir o estágio curricular me fez refletir sobre muitas questões importantes, entre elas a minha formação profissional e sobretudo a possibilidade de autoconstituição docente frente a esse desafio.

Este trabalho se justifica por três razões: a) A autoconstituição docente acontece durante todas as etapas do curso de Pedagogia: tanto nas disciplinas teóricas de fundamentos da Educação, tais como História da Educação, Políticas e organização da Educação Básica, aulas de contações lúdicas de histórias, Artes visuais e teatro, gestão escolar, as práticas desenvolvidas nas dimensões da Educação Infantil, Anos Iniciais e EJA; quanto nas minipráticas e estágio.

Entretanto, o estágio mostrou-se um momento mais privilegiado para o desenvolvimento da autoconstituição docente em função dos desafios diários, da elaboração dos planejamentos, de dispor de um período mais longo de prática, das trocas ocorridas durante as orientações, da produção dos Diários (de Classe e de Avaliações), de muita dedicação e empenho e da percepção de que a teoria e a prática são indissociáveis (VEIGA-NETO, 2015) e fundamentais para a construção dos saberes docentes. Essa razão torna importante o objetivo proposto neste Trabalho de Conclusão de Curso.

b) Ao pesquisar por trabalhos já existentes, busquei pelo conceito de “autoconstituição” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>4</sup> e deparei-me com nove trabalhos, sendo cinco teses e quatro dissertações, publicados no intervalo de 2009 a 2019. Esse levantamento inicial indica que o termo não é comumente utilizado nas pesquisas, e também é utilizado com outros enfoques: três pesquisas utilizam o conceito para

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª COM DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>

discussões em relação a ética e estética, quatro são referentes a questões predominantemente sociológicas e duas discutem sobre a formação de professores.

Dessas duas, a dissertação de Baptista (2011) aproximou-se mais da minha pesquisa em razão de que seu objetivo era desvelar singularidades dos saberes docentes a partir de relatos de professores alfabetizadores, da mesma forma que procurei identificar, nos documentos pedagógicos produzidos por mim, aspectos que foram significativos para a minha experiência e que geraram saberes docentes. Sua conclusão foi de que os saberes são constituídos pelas representações sobre o ensinar, o aprender e o conhecimento que o sujeito constrói nas relações que estabelece ao longo da vida.

Entretanto, nenhum trabalho discute com maior amplitude sobre o estágio nos Anos Iniciais e o trata como campo empírico para análise; discute sobre o desafio da gestão da sala de aula, com estudantes agitados e com dificuldade de concentração, e em como tornar este um momento de aprendizagem para os mesmos, lidando com a disciplina-corpo.

c) A experiência de viver esse momento, trabalhando em sala de aula, elaborando planejamentos, discutindo com a orientadora, enfrentando os desafios diários e buscando por alternativas que favorecessem os processos de aprendizagem, foi fundamental no fortalecimento da formação profissional. O estágio é um momento em que os saberes da experiência (LARROSA BONDÍA, 2002) constroem-se, e nenhuma outra vivência poderia ser tão significativa.

A partir dessas razões, proponho-me a pensar sobre as práticas curriculares, colocando a minha experiência como pauta deste Trabalho de Conclusão de Curso a fim de analisar a autoconstituição como professora a partir da vivência do estágio obrigatório do Curso de Pedagogia.

A seguir, apresento a organização deste trabalho. Neste primeiro capítulo, intitulado “Introdução”, contextualizo de forma breve a minha relação e interesse pela temática deste trabalho, assim como apresento a pergunta de pesquisa, objetivos e justificativa. E, ao final, descrevo a organização do trabalho, apresentando os capítulos que compõem este estudo para situar o leitor.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

No segundo capítulo, denominado “Disciplina-corpo na escola contemporânea, Prática curricular e Constituição docente”, apresento os conceitos teóricos que empreguei para desenvolver a monografia e pensar nos questionamentos e apontamentos que surgem ao longo da escrita.

No terceiro capítulo, intitulado “Os caminhos da pesquisa”, discorro sobre a metodologia que utilizei para proceder com a pesquisa e justifico minhas escolhas metodológicas. Para isso, também faço uma contextualização em relação à turma do estágio.

No quarto capítulo, nomeado de “A processualidade da docência”, construí as três Unidades Analíticas, provenientes da metodologia e dos conceitos teóricos utilizados na pesquisa, e busco relacionar as cenas de destaque com a pergunta de pesquisa e os objetivos traçados, de forma a concretizar o objetivo da pesquisa.

No quinto capítulo, intitulado “Considerações finais”, retomo o objetivo de pesquisa, fazendo uma síntese e apresentando considerações importantes resultantes do projeto, e também aponto as limitações, isto é, aquilo que não foi possível realizar, transformadas em perguntas que poderão dar continuidade para pesquisas posteriores.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

## **2 DISCIPLINA-CORPO, PRÁTICA CURRICULAR E CONSTITUIÇÃO DOCENTE: ESCOLHAS TEÓRICAS**

Neste capítulo desenvolvo brevemente as noções que me auxiliaram a fazer a leitura, interpretação e análise das informações empíricas. Para cada um dos conceitos, realizei uma pesquisa na BDTD com algumas palavras-chave relacionadas ao tema central deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Como critério de tempo para o levantamento das pesquisas, selecionei o período de 2007 a 2019. A data ascendente foi escolhida em função de que foi o ano em que o projeto pedagógico do curso de Pedagogia em que estou me formando foi implementado, tendo uma nova reformulação em 2018. A data descendente é o ano de desenvolvimento desta pesquisa.

### **2.1 DISCIPLINA-CORPO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

Ao pesquisar no descritor de busca da BDTD pelos conceitos “disciplina escolar” e “Anos Iniciais”, foram localizadas dez pesquisas, sendo três teses e sete dissertações, publicadas no período de 2011 a 2018. Dessas pesquisas, oito delas utilizam os conceitos para a discussão de outras áreas do conhecimento, em especial a História da Educação, e somente uma aborda a questão da formação de professores.

Interessa destacar a dissertação de Pereira (2016), que tem como tema central a constituição profissional de professores bacharéis que atuam em cursos de Licenciatura na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A pesquisa aproxima-se da minha pois também discute e reflete sobre a identidade e constituição docente. O autor concluiu que é preciso novos olhares, interpretações e posições sobre o tema, potencializando novas investigações acadêmicas acerca dos professores bacharéis e suas especificidades profissionais.

Encontrei afinidade também com pesquisas de anos anteriores, como a tese “A ordem das disciplinas” de Veiga-Neto (1996), o artigo “A indisciplina e a escola atual” de Aquino (1998), a tese “Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios” de Xavier (2003) e os estudos realizados por Foucault (1987).

Na sua conceituada obra *Vigiar e punir*, Foucault (1987) apresenta estudos sobre a disciplina, a começar pelas sociedades disciplinares, que exercem o controle do tempo, espaços e dos corpos. Os corpos que se sujeitam a esse tipo de controle são chamados *corpos dóceis*, tidos como objetos-alvo de poder. Esses corpos são manipuláveis, de forma que se consegue obter aquilo que está traçado como objetivo. “É dócil um corpo que pode ser

submetido, que pode ser utilizável, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p. 118). Esse tipo de “mecanismo” de controle começou a ser posto em prática em vários espaços, como fábricas, hospitais, áreas militares e colégios. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Considerando tais características e analisando as escolas contemporâneas, o que se percebe é que as crianças e adolescentes são esses “corpos dóceis” em foco, de forma que os professores e profissionais que atuam nas escolas serão as figuras associadas ao poder. Existe um controle do tempo, já que a escola estabelece os momentos que serão destinados aos estudos, a merenda, ao intervalo e a saída; existe um controle do espaço, visto que as crianças, adolescentes e adultos só se apropriam dos ambientes quando lhes é permitido; e existe um controle dos corpos, uma vez que as crianças e adolescentes devem permanecer sentados durante toda a aula e só podem levantar e sair de um ambiente com a autorização do professor.

Deste modo, seria mais fácil prevenir comportamentos desviantes e estabelecer regras, que garantem uma boa convivência entre os indivíduos que se apropriam desse espaço escolar. Esta é a lógica disciplinadora e normalizante das escolas. Numa perspectiva foucaultiana, “de uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (FOUCAULT, 1987, p. 191). Nas escolas, as práticas disciplinadoras nada mais são do que meios de incorporar aos códigos, saberes, crenças e regras aqueles que são “novos” na cultura escolar, de modo a incluí-los nesse contexto. É nesse espaço que *o saber e o poder* (VEIGA-NETO; RAGO, 2008, p. 30) articulam-se diretamente, instaurando a ordem de eficiência dos processos de ensino-aprendizagem.

Durante o período de observação do estágio, pude constatar que as crianças estavam acostumadas com práticas essencialmente disciplinares, mas não correspondiam aos resultados esperados. Por mais que a

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

professora desempenhasse seu papel em exigir o cumprimento de ordens disciplinares, a maioria dos estudantes continuava a descumprir os combinados. De certo modo, o que pude perceber é que o mecanismo de controle utilizado pela professora, por mais que se mostrasse eficaz em breves momentos, não era o bastante.

A expectativa da professora em relação aos alunos era que estes fossem obedientes e quietos, e essa expectativa frustrada acabou gerando um grande obstáculo na relação entre eles. Em resposta a isso, muitos estudantes estavam resistentes aos pedidos da professora, e isso me remete aos estudos de Aquino (1998) que redigiu seu artigo “A indisciplina e a escola atual” no mesmo ano em que nasci e, vinte e um anos depois, seu material ainda apresenta apontamentos relevantes ao estudo da disciplina e à análise da escola contemporânea.

Para Aquino (1998) as atitudes dos estudantes são, muitas vezes, como um reflexo das atitudes do próprio professor, já que os primeiros se espelham, de certa forma, na figura do professor. Portanto, para o autor, “a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções” (AQUINO, 1998, p. 194).

O conceito de disciplina que assumo para a elaboração deste trabalho está relacionado ao comportamento dos estudantes da turma. Ao passo que a professora titular exercia uma cobrança severa dos códigos de conduta esperados por ela e pela escola, a maioria dos estudantes não conseguia corresponder às expectativas em razão de uma grande agitação, uma necessidade pelas manifestações corporais e pela ludicidade.

Existia uma grande inquietação e impaciência dos estudantes para os momentos de estudo na sala de aula, nos quais deveriam permanecer imóveis em seus lugares, resultando num nível de atenção limitada. Os alunos esperavam ansiosamente pelo momento do lanche — em que havia um deslocamento da sala de aula para o refeitório —, do recreio, da educação física e da informática, todos associados à movimentação corporal e mudança de ambiente.

Nóvoa (2011) nos diz que os métodos ativos — baseados nos jogos, nas dimensões lúdicas, no interesse e na ação da criança —

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

são fundamentais não só por possibilitar a liberdade e iniciativa do aluno, mas porque promovem a motivação e participação do mesmo nas atividades propostas pelo professor. Esses métodos tornam-se vitais no sentido de que “um professor necessita da cooperação ativa do aluno para atingir os seus objetivos” (NÓVOA, 2011, p. 39).

Por outro lado, o autor também aborda a questão das crianças de hoje estarem em um estado de “sobre-excitação”, realizando diversas atividades simultaneamente e com acesso a todo tipo de informação pela internet. De acordo com ele, a escola não deve contribuir para esta inflação de atividades, mas ser capaz de “reintroduzir a calma e a serenidade no espaço da sala de aula” (NÓVOA, 2011, p. 39), fornecendo às crianças o que elas não têm na sociedade.

## 2.2 PRÁTICA CURRICULAR E O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Na BDTD, ao pesquisar pelos termos “Prática curricular” e “Anos Iniciais”, encontrei onze trabalhos, publicados no período de 2009 a 2017. Desses onze, cinco utilizam os termos para discussão de outras áreas do conhecimento, dois abordam processos de inclusão, dois fazem referência à formação de professores e outros dois discutem outras temáticas.

A dissertação de Silva (2016) tem semelhanças com a minha pesquisa pois seu objetivo é compreender nas práticas curriculares de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental o movimento de planejamento de aula pensado/vivido através de estratégias de ensino materializadas na aula, assim como faço destaque para as práticas curriculares que assumi durante o estágio. A autora concluiu que as referências que as professoras mobilizam para tomar decisões estão fortemente arraigadas às suas histórias de vida, substanciadas na formação acadêmica, e que o currículo pensado/proposto no planejamento de aula está intimamente relacionado com os

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.



currículos praticados pelas docentes no cotidiano escolar.

Também encontrei afinidade com o artigo de Larrosa Bondía (2002), intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” pois foi possível relacionar o conceito de experiência com a prática curricular que conduzi durante o estágio.

Nesta discussão, entendo que a prática curricular, relacionada à escolha e ao conjunto de saberes que constituem o sujeito-aluno, está articulada à prática pedagógica, que de uma maneira mais ampla, ensina e conduz o sujeito-aluno até esses saberes.

A prática do estágio foi a experiência que propiciou essa grande inquietação e posterior transformação do meu papel como professora. Larrosa Bondía (2002) convida-nos a pensar a educação a partir da perspectiva da experiência e do sentido que damos ao que somos e ao que nos acontece. Segundo ele, existem equívocos em relação ao que se entende por experiência, como por exemplo, o excesso de informação.

Vivemos na sociedade da informação, como sujeitos que estão numa constante busca pelo processamento de informações a fim de exercer uma opinião própria sobre os diversos assuntos que circundam nossas vidas. O primeiro ponto a ser destacado por ele, a partir dessa ideia, é a necessidade de separar a experiência da informação, “como se o conhecimento se desse sob a forma de informação” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 22).

Nesse sentido, a relação que faço com o trabalho é que, no início do estágio, estava dotada de informações, considerava que sabia de muitas coisas, passava o tempo buscando por novas informações, preocupada em não saber o suficiente e não conseguir transmitir tudo o que sabia para a turma. A faculdade havia me fornecido muitas informações, muitas teorias, muita leitura sobre a educação e o ato de educar, mas tudo isso era diferente da experiência que eu viria a ter e que se desenrolaria de tal forma a provocar uma grande mudança na minha conduta como professora.

Atualmente, muitos aspectos consequentes da nossa sociedade contemporânea impossibilitam que tenhamos experiências importantes, como o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Os momentos passam por nós, mas não ficam, de forma que logo um novo momento substitui o

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

anterior e não fixamos nada em nossa memória. Temos um amplo repertório de informações sobre diversos assuntos, somos capazes de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo, entregamo-nos ao trabalho, mas “a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 23).

Larrosa Bondía (2002, p. 21) ainda enfatiza a definição de experiência: “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A partir dessa ideia, permito-me dizer que a grande experiência do estágio é este momento de reflexão em que me proponho a olhar para essa vivência com mais calma, mais atenção, revivendo os dias, parando para pensar, refletir, demorar-me nos detalhes, estes documentados nos Diários de Classe, e contemplar esse fenômeno educativo que foi o meu estágio.

O sujeito que se permite esse gesto de interrupção para pensar, olhar, escutar e sentir é o sujeito da experiência, cujas características marcantes são “sua passividade, sua receptividade, sua disponibilidade e abertura” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24). E esse ato de abrir-se para o novo é fundamental para o desenvolvimento da experimentação. Por mais que escutamos que o professor deve ser uma figura firme, que não se deixa abalar e transparecer e é seguro de si mesmo, o sujeito da experiência permite-se perder seus poderes e atributos, justamente porque a experiência se apodera dele, de forma que esse sujeito se entrega para viver aquilo intensamente.

Diante disso, o sujeito da experiência também está suscetível aos eventos que ocorrem diariamente a sua volta, de modo que outra característica notável de seu perfil é “sua capacidade de formação ou de transformação” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25). Segundo Larrosa Bondía, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação”. A sua formação e/ou transformação é um saber particular, contingente, impossível de ser repetida e única no seu significado.

Nessas condições, permito classificar-me como sujeito da experiência, visto que, ao viver intensamente o estágio e estar aberta às ocorrências diárias, foi possível transformar-me professora, constituindo um *ethos*

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

de formação. Também é possível concluir que “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 28).

A autora Silva (2016) traz uma compreensão de prática curricular que também assumo neste trabalho, baseada nas autoras Alves e Oliveira (2010) e Alves (2011) quando diz que “as práticas curriculares são construções cotidianas, fruto da dinâmica e complexa relação entre os diferentes saberes que constantemente estão sendo mobilizados pelos sujeitos no espaço escolar” (SILVA, 2016, p. 26). Esses indivíduos, por sua vez, trazem concepções de mundo conflitantes, que “decorrem das diferentes histórias de vida desses sujeitos” (SILVA, 2016, p. 26).

### 2.3 CONSTITUIÇÃO DOCENTE: UM PROCESSO DE REFLEXÃO SOBRE O MODO DE SER PROFESSORA

Busquei pelos conceitos “Constituição docente” e “Anos Iniciais” na BDTD e deparei-me com dois trabalhos, sendo uma tese e uma dissertação publicados nos anos de 2011 e 2014. A pesquisa de Barreto (2011) tem afinidade com a minha pois se propôs a compreender a constituição da profissionalidade docente em algumas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, assim como eu me propus a analisar a minha autoconstituição docente. Entretanto, a autora não utiliza o conceito de “autoconstituição”. Ela concluiu que a profissionalidade docente das professoras dos anos iniciais vem se constituindo diante da necessidade de saber claramente qual é a função do professor na atual sociedade e na busca da valorização profissional.

Ao usar esse termo, os trabalhos fazem referência aos sentimentos e vivências associadas às etapas que constituem a carreira profissional do professor, como é o caso do artigo de Nono e Mizukami (2006), que faz um panorama de estudos que salientam a importância das investigações de cada

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

uma das etapas que o professor vivencia e que influenciam na sua formação.

No artigo de Dal’Igna e Fabris (2015) encontrei outro conceito relacionado à constituição docente. Em sua pesquisa, as autoras utilizam o termo *ethos* de formação, que significa “certo modo de ser e de agir” (DAL’IGNA; FABRIS, 2015, p. 78). A partir dos resultados de duas pesquisas, elas procuraram identificar de que modo, na formação inicial de professores, constitui-se o que chamam de *ethos* de formação, baseados nas investigações de Foucault (1970-1980) acerca da relação que cada indivíduo estabelece consigo mesmo. Também, em nosso Grupo de Pesquisa em Educação e Disciplinamento (GPED), Milone (2019) desenvolveu a dissertação discutindo o conceito de *ethos* docente analisando fragilidades e potencialidades expressas pelos licenciandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na formação docente com foco na educação inclusiva.

O modo como nos constituímos e as condutas que assumimos enquanto professores estão relacionados com a forma que cada um se reconhece, aprende a ver a si mesmo, reflete sobre suas ações e é capaz de se transformar a partir dessa autorreflexão. Essas práticas permitem que “cada um se relacione consigo mesmo, efetuando por conta própria uma série de operações sobre o seu corpo e a sua alma” (DAL’IGNA; FABRIS, 2015, p. 78).

Essa ideia se correlaciona com o objetivo desta pesquisa, já que busco refletir sobre a constituição a partir da prática do estágio, momento em que me questionei e analisei com intensidade meus saberes e fazeres pedagógicos, resultando em uma transformação no modo como me vejo e atuo em sala de aula. Pensando nesse objetivo e no entendimento de que protagonizei esse processo, de forma que somente eu poderia ter passado e provocado tais mudanças, permito-me dizer que o que procuro com esta pesquisa é refletir sobre a minha *autoconstituição* docente, levando em consideração o estágio docente como experiência catalisadora desse movimento.

Neste trabalho, penso que a autoconstituição docente e o *ethos* de formação são conceitos que se relacionam pois “certo modo de ser e de agir”, no meu entendimento, refere-se especificamente ao processo de formação docente. O *ethos* é pautado pelas experiências, fundamentos, teorias e

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

práticas, e a autoconstituição se dá a partir da reflexão desses processos.

Outra hipótese que lanço aqui é a diferenciação entre os conceitos de constituição docente e autoconstituição. A constituição docente se refere ao processo de formação que todos os acadêmicos licenciandos passam durante a graduação: pelos fundamentos da educação, pelo estudo das teorias, pelas práticas, pelas leituras, conforme proposto para cada semestre. A autoconstituição docente também é o processo de formação, porém o que há de diferente é a reflexão em relação à formação docente. No estágio, permiti refletir sobre o exercício docente em sala de aula, sobre as práticas curriculares, sobre o modo como me percebia, sobre como me apropriava das teorias, das leituras, dos autores, sobre como estava vivendo aquela experiência. E essa reflexão também traz à tona a história pessoal e as características de cada sujeito.

Loponte (2005) faz uma importante relação entre a formação do professor e a própria constituição do sujeito. Para ela, as duas coisas são um processo constante, que acontece de forma permanente e ininterrupta. Não existem manuais ou listagem de objetivos a serem cumpridos, apenas um processo demorado e lento que vai nos indicando inúmeras possibilidades e caminhos a serem seguidos. Além disso, os dois processos são marcados pela presença do outro, conforme os estudos de Foucault. A partir das reflexões propostas pelo mesmo, fica claro que a autoconstituição do sujeito só se dá a partir da presença e interação com o outro.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

Nome: CARLOS Turma: 2<sup>o</sup>A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

### 3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida tem uma abordagem qualitativa e utiliza como procedimentos metodológicos a análise documental e para a leitura e interpretação das informações a análise textual discursiva. Tais conceitos serão explicitados a seguir.

Caracteriza como uma pesquisa qualitativa, visto que foi realizada uma análise de dados descritivos. “O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos [...] todos os dados da realidade são considerados importantes.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Esse tipo de pesquisa não está prioritariamente relacionado com dados quantitativos, estatísticas e busca por um resultado. O foco está nas informações descritas nos documentos, e há uma preocupação em retratar a perspectiva da pesquisadora, que esteve em contato com o ambiente de estudo e interagiu diretamente com os sujeitos envolvidos.

Assim, os materiais que utilizei para analisar as práticas curriculares e refletir como elas contribuíram para a minha autoconstituição docente serão os Diários de Classe e Avaliações, instrumentos de acompanhamento do desenvolvimento do estágio docente, produzidos no primeiro semestre de 2019, no período de 18 de março a 4 de julho.

O Diário de Classe contém planejamentos semanais, registros diários da turma, reflexões semanais e atividades propostas, e o Diário de Avaliações inclui registros individuais de cada estudante e suas aprendizagens ao longo do estágio. O diário se tornou um importante “recurso de reflexão e lucidez profissional” (ZABALZA, 2004, p. 9), visto que a elaboração dos mesmos me transformou em uma investigadora das minhas próprias condutas, auxiliando na identificação das práticas pedagógicas assertivas e também dos desacertos.

Desde o início do estágio preocupei-me em manter um amplo repertório de anotações. Não somente por ser um requisito obrigatório do estágio, mas também uma espécie de registro “confidente” comigo mesma, em que eu descrevia práticas que também me provocaram frustração. Registrava todos os aspectos que considerava importantes no dia a dia para que, posteriormente, pudesse analisar e pensar melhor em estratégias para os planejamentos. Também foi importante para que a orientadora do estágio pudesse acompanhar a turma, através de minhas percepções, e auxiliar na elaboração dos planejamentos. Segundo Zabalza (2004) o diário pode ser um grande recurso propulsor do desenvolvimento e melhoria do indivíduo e da prática profissional que exerce.

Esse variado repertório de anotações e registros pedagógicos foi fundamental durante o andamento do estágio, mas também no sentido de construção da minha identidade

profissional de docente (COELHO FILHO; GHEDIN, 2018). Os materiais tornaram-se extremamente ricos para que eu pudesse reviver e avaliar a experiência de estágio. Portanto, para desenvolver o presente trabalho, o procedimento metodológico utilizado foi a análise documental dos registros pedagógicos, de documentos produzidos por mim ao longo do estágio, que totalizou 300 horas e quatorze semanas.

Antes de dar continuidade à explicação do que se trata a análise documental e a realização da mesma neste trabalho, interessa destacar algumas características importantes da escola onde foi realizado o estágio, com o intuito de situar o leitor.

A escola, localizada em um bairro de classe média de Porto Alegre (RS), possui uma ótima infraestrutura, com sala de professores, sala de recursos, informática, biblioteca, pátio externo e refeitório. O 1º e 2º ano ficam separados das demais séries, com um espaço exclusivo para brincar e realizar atividades. Havia duas turmas de 2º ano, uma no turno da manhã e a outra no turno da tarde, regidas pela mesma professora.

A minha turma de 2º ano do turno da manhã, turma 20A, era composta por vinte e dois estudantes, sendo quatorze meninos e oito meninas; a faixa etária sendo entre sete a oito anos. Alguns aspectos significativos da turma, observados ao longo do estágio, foram os níveis de aprendizagem muito diferentes, o desinteresse pelas contações de histórias, a maior facilidade em matemática, o fato de que onze crianças eram novas na turma, vindas de outras escolas, e o perfil intensamente “borbulhante”.

Tendo em vista esses aspectos, os desafios eram grandes: como captar o interesse da turma? Como fazer eles gostarem de histórias da literatura infantil? Como contemplar todos os níveis de leitura e escrita? Como proporcionar uma aprendizagem rica e significativa, de forma que todos pudessem evoluir? E o mais trabalhoso: como lidar com a indisciplina e agitação da turma?

Nos capítulos seguintes, em especial no capítulo intitulado “A processualidade da docência”, passo a discutir como esse conjunto de perguntas fez eu elaborar práticas curriculares produtivas

que ajudaram nas questões da gestão da sala de aula e da indisciplina.

Importante salientar

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.



que esses questionamentos surgiram ao longo do estágio, mas não serão respondidos diretamente nesta pesquisa. O foco será voltado à pergunta de pesquisa apresentada no capítulo da Introdução.

A análise documental é um procedimento metodológico que envolve a investigação de documentos internos ou externos (ZANELLA, 2011). No caso desta pesquisa, os principais acervos são os Diários de Classe e Avaliações, que permitem recuperar as práticas curriculares e as vivências do estágio. O procedimento metodológico utilizado foi a leitura e interpretação dos documentos produzidos, e a partir disso, foi possível extrair informações que evidenciam as práticas curriculares propostas para gerir a disciplina-corpo, exercer a docência e também revelar aspectos da minha mudança e transformação como professora. Além disso, os documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

Como metodologia para analisar os Diários, empreguei a Análise Textual Discursiva (ATD), que me possibilitou o uso de “lentes” para a leitura e interpretação das informações nos documentos em análise. Tal tipo de análise “cria espaços de reconstrução” e possibilita “reconstruções de significados dos fenômenos investigados.” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 118). Na busca por uma metodologia para a análise textual, a ATD apresentou-se como uma opção válida e contemplou os objetivos desta monografia. Com o intuito de organizar os documentos, a ATD possui uma sequência de ações que facilitam a sistematização dos dados descritivos.

O primeiro movimento a ser feito é o de unitarização dos textos. Segundo Moraes e Galiazzi (2006), “unitarizar é interpretar e isolar idéias elementares de sentido sobre os temas investigados” (p. 123, sic). Ao fazer a leitura e interpretação de todos os textos nos Diários, escolhi momentos do estágio em que percebia que os estudantes se concentravam mais nas atividades, mostravam-se interessados e havia progressão nas aprendizagens.

Durante a leitura, procurei estar atenta às escritas contidas nos relatos de aula, de modo a captar os significados

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

atribuídos aos comentários e relembrar novamente a experiência da docência. Essa etapa foi muito significativa para mim, uma vez que, durante a leitura dos materiais, comprovei o meu interesse e afinidade pela pergunta de pesquisa que elaborei e contemplei o amplo repertório de informações que eu tinha em mãos para realizar essa monografia.

Concluída essa etapa, pode-se avançar para a segunda, que as autoras nominam *categorização*, e que surge a partir de uma compreensão do pesquisador acerca da (re)leitura dos textos. Neste trabalho, não usarei esse termo proposto pelas autoras pois ao meu ver esse termo remete à ideia de algo definitivo e fixo. Cheguei, então, ao termo “unidades analíticas”, que se adequa melhor à proposta que assumo ao escrevê-las em razão de ser algo possível de ser ressignificado por outro pesquisador, permitindo que o mesmo encontre outras possibilidades para serem analisadas.

As unidades analíticas focalizam três práticas curriculares que, além do progresso nas aprendizagens, possibilitavam que as crianças (re)estabelecessem uma relação com a infância e a ludicidade, despertando o interesse, atenção e dedicação das mesmas nas/às atividades propostas.

Assim que as unidades analíticas foram estabelecidas, a terceira etapa consistiu em realizar uma interpretação mais esmiuçada do que se pretende com a pesquisa. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, procurei estabelecer a relação entre as práticas curriculares propostas para uma turma “borbulhante” que necessitava de momentos de concentração e avanço nas aprendizagens e a minha autoconstituição docente, analisando aspectos que pudessem ser pertinentes para refletir sobre essa relação.

Em um primeiro momento, a ATD leva em consideração que os textos são produzidos por sujeitos de pesquisa, de forma que o pesquisador tem a complexa tarefa de analisar diversas afirmações, que podem ter inúmeros significados, e iniciar um processo de reconstrução desses significados a partir do seu entendimento, da sua compreensão. No meu caso, fiz a releitura de textos produzidos por mim, que possibilitou que eu igualmente ressignificasse ideias, portanto “na leitura, sempre ocorre transformação e atualização” (MORAES;

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

GALIAZZI, 2006, p. 125).

Nome: CARLOS Turma: 2<sup>o</sup>A

Ditado mal-assombrado

1<sup>a</sup> MÚMIA

2<sup>a</sup> VIZINHO

3<sup>a</sup> VASOURA / VASSOURA

4<sup>a</sup> CON DOMÍNIO

5<sup>a</sup> ESQUELETO

6<sup>a</sup> O SONO DA MÚMIA É PESADO.

## 4 A PROCESSUALIDADE DA DOCÊNCIA

As Unidades Analíticas derivaram das pesquisas realizadas no capítulo dos conceitos teóricos e das informações que foram destacadas dos Diários. Usando a ATD percebi que o conjunto de estratégias pedagógicas escolhidas para analisar nesta pesquisa não só foram bem-sucedidas como auxiliaram nas questões da indisciplina e concentração da turma e possibilitaram avanços nas aprendizagens. Uso o termo processualidade, que deriva da palavra processo, por entender que foram determinadas ações e procedimentos que realizei de determinada maneira e por determinado tempo que resultaram nas práticas aqui analisadas. Esse termo também se relaciona com a autoconstituição, visto que existe um processo com etapas que se vivencia para a autorreflexão que culmina na autoconstituição docente.

### 4.1 COLOCANDO A “MÃO NA MASSA”: OS TRABALHOS MANUAIS POTENCIALIZANDO APRENDIZAGENS

“Certo dia, enquanto as crianças estavam fazendo a transcrição do roteiro do dia em seus cadernos, me desloquei até o fundo da sala para pegar folhas coloridas, que seriam usadas na atividade seguinte. As folhas estavam em um armário repleto de materiais. Ao abrir o armário - e fazer barulho- algumas crianças que estavam mais próximas viraram-se para trás, curiosas para saber o que eu iria retirar de lá. Ao avistar tintas coloridas e as caixas de massinha de modelar, ficaram eufóricos. “Olhem ali as massinhas” disse um deles. Os olhos brilhavam e o encantamento foi imediato.” (Anotações do planejamento 2ª semana, abril de 2019, Diário de Classe)

Essa cena foi uma das primeiras pistas que tive para pensar nos planejamentos da turma de estágio. Desde a semana de observação notei que a professora titular propunha poucas atividades manuais e artísticas. Nas conversas em particular, os relatos eram de que ela havia desistido de propor coisas novas, já que a turma era muito agitada e demandava muita paciência. As atividades limitavam-se a fazer um desenho livre ou pintar alguma figura.

Partindo desse princípio, comecei a elaborar os planejamentos e incluir toda semana alguma atividade artística e/ou manual. Propus atividades de recorte e colagem, dobradura, desenhos com tinta e massinha de modelar, pintura com cotonete, desenho com palitos de

picolé<sup>5</sup>. Nesses momentos, a turma ficava muito concentrada e empolgada e produzia desenhos criativos e expressivos. Ao total, contabilizando as quatorze semanas de estágio, foram propostas vinte atividades artísticas e/ou manuais.

“Na área de Artes, realizamos um trabalho com massinha de modelar, no qual as crianças escolhiam um monstro da história e manuseavam a massinha para fazer a letra inicial do nome do monstro. Tal atividade deixou as crianças eufóricas, já que não tinham tido contato com a massinha de modelar até então.” (Reflexão 10ª semana, junho de 2019, Diário de Classe)

E o comentário da orientadora atestava minha certeza sobre o grupo: “Essa turma adora o fazer!”.

Depois que constatei a identificação da turma com os trabalhos manuais e comecei a investir semanalmente em desafios de ilustração, compreendi que eles eram tão importantes quanto as atividades de conteúdo. Monteiro (2016) afirma que as atividades manuais desenvolvem capacidades como concentração e criatividade e que o aprimoramento de habilidades manuais é capaz de fazer a criança se tornar mais disciplinada. Concordo com a autora, já que percebi o quanto a turma fica concentrada nas atividades manuais e mais disciplinada no sentido de conseguir trabalhar em silêncio, envolvida com suas produções, sem distrações.

Infelizmente, assim como estava acontecendo com a turma 20A, é comum escutar relatos de professoras que acabam optando por deixar de lado as atividades artísticas em função de outras competências — consideradas mais importantes — serem priorizadas. Os planejamentos são focados em três saberes principais: leitura, escrita e matemática, de modo que os outros saberes acabam não sendo explorados. Em geral, as atividades limitam-se a folhas estruturadas e, dia após dia, as crianças ficam saturadas da rotina escolar, não demonstrando mais interesse pelas atividades e pela escola.

Ao fazer essa reflexão, não estou desconsiderando a importância das propostas de língua portuguesa e matemática, apenas salientando que essas

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MUMIA

2ª ESQUELETO

3ª ESQUELETO

4ª CON DOMINIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MUMIA É PESADO.

<sup>5</sup> Na disciplina de Estágio de Docência II: Anos Iniciais, tive acesso ao MOODLE Acadêmico (plataforma virtual da UFRGS de apoio a aprendizagem), que consiste em um repositório de atividades, trabalhos, planejamentos de aula produzidos por colegas que realizaram o estágio em semestres anteriores e que auxiliaram na elaboração dos meus planejamentos.

propostas podem ser intercaladas com outros conteúdos previstos para a etapa escolar na qual a turma se encontra, entre eles o ensino de Artes. Para Bedin e Vieira (2013, p. 42), “por meio da aprendizagem em Artes Visuais conquista-se o despertar de um olhar mais aguçado para si mesmo e para o conhecimento sensível, cognitivo e estético”.

As autoras defendem que é preciso valorizar a *Arte-educação* e reconhecer sua importância social, no sentido de que o conhecimento desvelado a partir dela é capaz de contribuir com a comunidade escolar e na formação educativa e social dos estudantes, visto que “permite a veiculação de ideias, sentimentos, criatividade, expressão artística e cultural” (2013, p. 33). Além disso, a arte-educação possibilita que os alunos desenvolvam competências importantes para atuação na sociedade na qual estão inseridos.

É preciso entender que a escola precisa possibilitar às crianças contato com aquilo que elas não têm na sociedade (NÓVOA, 2011). Portanto, o ensino da Arte torna-se importante, não só pelo uso das ferramentas para a produção dos trabalhos, como tintas, pincéis, massinha de modelar e afins, mas porque em nenhuma outra situação fora da escola esse aluno terá a oportunidade de estar em um ambiente de aprendizagem, com tranquilidade e tempo para criar e recriar, para exercitar sua criatividade e autonomia e para aprender com tudo isso.

As atividades artísticas foram um ponto tão alto do estágio que, como produto final do projeto didático intitulado “Monstros”, foram criados acervos pessoais para cada aluno, com todas as produções — escritas e artísticas — realizadas em aula. O Monstronário, a revista dos Monstros, também funcionou como suporte de sistematização das aprendizagens de cada um de forma lúdica e criativa.

Reaproveitando revistas inutilizadas, cada estudante criou a sua, fazendo recortes e colagens e personalizando do seu jeito. Essa foi a produção mais expressiva do estágio, e ao final realizamos uma bela exposição das revistas e cada um pode levar a sua para casa, como recordação do projeto construído e vivenciado pela turma.

Através das propostas artísticas e das leituras contextualizadas dentro do projeto da turma, também foi possível trabalhar com as outras áreas do conhecimento. Um bom exemplo foram as atividades em torno da

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO


6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

leitura do livro “Condomínio dos monstros”, de Alexandre de Castro Gomes. Propus tarefas que abordavam os números ordinais, solicitando que as crianças organizassem os nomes dos monstros da história na ordem alfabética, e após deveriam indicar em qual andar cada monstro morava, conforme figura abaixo. Também solicitei que, numa folha estruturada com o desenho de um relógio, marcassem a hora de reunião de condomínio dos monstros, indicando o ponteiro maior e o menor.

**Figura 1 - Atividade referente à leitura “Condomínio dos monstros”**

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Observe o prédio dos Monstros e responda



> Quantos andares tem? \_\_\_\_\_

> Quantos moradores por andar? \_\_\_\_\_

> No 1º andar moram \_\_\_\_\_

> No 2º andar moram \_\_\_\_\_

> No 3º andar moram \_\_\_\_\_

> No 4º andar moram \_\_\_\_\_

> No 5º andar moram \_\_\_\_\_

Fonte: acervo pessoal, Diário de Classe.

Além disso, foi possível estudar o gênero textual receita, lendo uma poção mágica da bruxa que

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA / VASSOURA

4ª CONDOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

morava no condomínio e, após esse momento, cada criança criou a sua poção mágica, quantificando os ingredientes e usando a criatividade e imaginação, como se pode comprovar no excerto abaixo:

“Quando chegou a vez de cada um inventar uma receita, surgiram muitas ideias criativas e originais: poção de ficar invisível, poção da velocidade, poção do amor; Fiquei muito orgulhosa pelas produções, e também feliz por ter apostado nessa proposta que foi tão assertiva. Depois da escrita, as crianças puderam ilustrar sua poção pintando com tintas coloridas, fechando a atividade com chave de ouro” (Reflexão 13ª semana, junho de 2019, Diário de Classe)

Ainda sobre esse trecho da reflexão, é possível verificar que, através das propostas bem-sucedidas que conduzia, eu também estava adquirindo certa segurança no exercício docente, de modo que algumas situações que anteriormente causavam tensão e desconforto já não eram tão temerosas. E esse sentimento de segurança e autoconfiança me autoconstituíram professora, visto que, além de refletir sobre as propostas, sentia-me mais preparada para estar em sala de aula e o *ethos* de formação estava sendo constituído, afirmando o meu desejo e afinidade pela profissão.

#### 4.2 “PROFE, CONTA MAIS UMA?” AS HISTÓRIAS DE TERROR E DIMENSÕES CRIATIVAS

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.



“ A motivação prévia, com as cortinas da sala fechadas, suspense no ar, panos pretos, lanterna e voz “cavernosa” chamou atenção das crianças. A sala ficou silenciosa e os rostos demonstravam curiosidade, ansiosos pela história que estava por vir. A história, contada de forma lúdica e até com efeitos sonoros, fascinou o grupo de tal forma que, ao final, pediram para que eu lesse mais um conto do livro” (Planejamento 2ª semana, abril de 2019, Diário de Classe)

Articulando com a questão da Arte e dos trabalhos manuais, outro ponto forte do estágio foi o investimento na literatura infantil de suspense/terror, através de livros e contos que trabalhavam com questões da língua portuguesa como leitura, escrita e interpretação dos textos.

Esse gênero literário infantil sobressaiu-se entre os demais, principalmente pela observação de que a turma 20A não se encantava tanto por livros de literatura infantil conhecidos, como Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e a Festa no Céu de Angela Lago. Ao conversar com a professora, uma das grandes preocupações era de que, apesar das muitas tentativas, a turma não gostava da hora do conto e da contação lúdica.

Surgiu então a ideia de utilizar o suspense como motivação prévia e procurar por livros que fossem enigmáticos, que instigassem o interesse das crianças porque eram assustadores, horripilantes, sinistros, temidos. Lembrei do meu interesse, quando criança, pelas histórias e filmes de suspense, pela sensação do “frio na barriga” e todos os outros sentimentos associados.

Procurei sempre fazer intervenções pertinentes para motivação prévia da leitura, visto que já sabia a importância desse momento na contação de histórias, como é possível perceber no excerto retirado do planejamento a seguir, que antecede a leitura do livro “Um susto de A a Z” de Gláucia de Souza.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

“Fala da professora: O título do livro é “Um susto de A a Z”. Quem escreveu foi a Gláucia de Souza (mostrando o livro para a turma). Qual será a história desse livro? Quais são as criaturas que estão na capa? Uma esfinge, um lobo, cobras...Por que será que é de A a Z? Com que letra começa esfinge? É uma vogal ou consoante? É a palavra lobo? Quais outras criaturas será que vão aparecer? Será que vai ter uma para cada letra do alfabeto? Quantas letras tem no alfabeto, mesmo? 26! Ih, estou achando que não vão ter tantas criaturas para tantas letras. O que acham? Estão curiosos? Vamos descobrir?” (Planejamento 10ª semana, junho de 2019, Diário de Classe)

Através dos questionamentos da professora, as crianças ativam seus conhecimentos prévios em relação à temática abordada, o que garante uma perspectiva interativa no processo de leitura, de modo que o leitor utiliza seus conhecimentos de mundo na compreensão e interpretação do texto e atribui significados ao mesmo (RUSCHEL, 2006).

A primeira tentativa foi um conto do livro “Sete histórias para sacudir o esqueleto” de Angela Lago. Para minha surpresa, a turma ficou fascinada pelo conto, solicitando que novas histórias desse gênero fossem contadas. Investi em diferentes histórias de literatura infantil com essa temática, como “O domador de monstros” de Ana Maria Machado, “O vampiro Argemiro” de Dilan Camargo e Eloar Filho, “Condomínio dos monstros” de Alexandre de Castro Gomes e Cris Alhadef, “Como reconhecer um monstro” de Gustavo Roldan, e contos diversos.

Esse momento foi assertivo no sentido de que a leitura despertou o interesse da turma, fazendo com que eles se concentrassem por um tempo maior e conseguissem aprender, como se pode observar no ditado abaixo realizado após a leitura do livro “Condomínio dos monstros” com palavras contextualizadas:

Figura 2 - Ditado de palavras e frase

Nome: CARLOS

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA

4ª CON DOMINI

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

–Fonte: acervo pessoal, Diário de Avaliações.

A partir daí encontrei um dos eixos norteadores do meu estágio: a contação de histórias/contos que fossem de suspense/terror. Esse eixo também foi fundamental para a definição do projeto didático com a temática de monstros, desdobrada a partir de diferentes sentidos que podemos atribuir a essa palavra.

O objetivo, ao realizar contações de histórias semanalmente, era promover situações de aprendizagem nas quais as crianças pudessem evoluir nas competências de leitura e escrita, e que todos os outros conteúdos estivessem interligados de modo que a aprendizagem fosse significativa e tivesse um propósito na perspectiva das crianças, partindo da temática dos monstros e histórias de suspense com a qual haviam se identificado.

Ao iniciar essa prática de leitura com a turma, outros objetivos específicos propostos pela BNCC<sup>6</sup> para a área de competências da língua portuguesa também estavam sendo contemplados, como possibilitar o conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita, compreendendo e apropriando-se dos usos e convenções da linguagem escrita nas suas mais diversas funções e instigar a produção textual de pequenos textos tanto individuais como em grupos.

A autora Marinez Pinto (2010), ao estudar sobre a importância da leitura nos Anos Iniciais, discorre que “ler pode ser uma fonte de prazer, de estímulo à criatividade, de enriquecimento de experiências e de motivação a aprendizagem” (PINTO, 2010, p. 12). Por isso, o professor deve buscar por livros e contos que sejam atrativos às crianças, de modo que despertem em cada um o desejo de ler mais, “sem que esta seja uma tarefa obrigatória ou maçante” (PINTO, 2010, p. 13).

Nesse sentido, a escolha pela literatura infantil de suspense foi pertinente pois envolveu os estudantes no mundo da imaginação e fantasia desde o início, sendo “uma experiência criativa em torno da compreensão [...] e da comunicação” (FREIRE, 1997, p. 29-

Nome: CARLOS

Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

<sup>6</sup> “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BRASIL, 2017, p. 7). Estou ciente das críticas feitas a BNCC. Entretanto, por ser um documento normativo e exigido pelas escolas, escolhi competências que considere pertinentes ao meu trabalho.

4ª

ESQUELETO

5ª

O SONO DA MÚMIA É PESADO.

6ª

30), mesmo com uma parcela dos estudantes não alfabetizada.

Aliás, as práticas de leitura contribuíram significativamente para que os alunos em hipóteses mais iniciais de leitura e escrita pudessem avançar. Os avanços aconteceram não somente por conta das propostas diferenciadas, mas pela motivação e participação nas aulas, pela dedicação que cada um depositou nas atividades, conforme exemplificada acima. Afinal, assim como nos diz Nóvoa (2011, p. 37), “é o domínio da linguagem e a sua exercitação que criam as condições para que o gosto e o desejo se desenvolvam”.

Os momentos da hora do conto também possibilitaram que me aproximasse, gradualmente, dos meus alunos, de forma que um vínculo afetivo e de confiança fosse constituído. Esse vínculo foi fundamental durante o estágio, visto que foi possível resgatar a autoestima da turma, as crianças sentiam-se acolhidas e valorizadas na sala de aula e, conseqüentemente, estavam mais à vontade para tirar dúvidas e motivadas a aprender. Essa relação com a turma também foi muito importante para a minha autoconstituição docente, já que me sentia mais confiante e inspirada para a elaboração dos planejamentos, pensando em cada um dos estudantes e suas potencialidades.

Por fim, penso que essa prática pedagógica, entre tantas outras, foi produtiva na gestão da sala de aula pois havia um engajamento das crianças para o momento da leitura, bem como uma percepção de que era possível aprender com uma temática que eles gostassem. Ao propor essa prática, não tinha a pretensão apenas de transformar meus alunos em corpos dóceis (FOUCAULT, 1987) nem apenas fazer com que eles obedecessem aos meus “comandos”, mas estava em busca de atividades que atraíssem o interesse deles e os mobilizassem de tal forma que fossem os protagonistas de suas descobertas e aprendizagens.

#### 4.3 AVALIAR PARA PUNIR? NÃO! AVALIAR PARA APRENDER E DIVERTIR

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

“Turma, hoje vamos fazer um ditado mudo! O que isso quer dizer? Ninguém poderá falar nada, nem mesmo a profe! A sala ficará bem silenciosa e vocês estarão bem concentrados. Eu trouxe uma caixa surpresa: dentro dela tem alguns objetos misteriosos! Eu vou retirar um objeto da caixa e vocês deverão escrever o nome desse objeto na folha. Preparados?” (Planejamento 6ª semana, maio de 2019, Diário de Classe)

Em uma das primeiras conversas que tive com a professora titular, ela me contou que avaliava os estudantes através de uma “provinha”, dizendo que era um dos únicos momentos em que a turma trabalhava em silêncio. Dias depois, tive a oportunidade de observar a turma enquanto realizavam a prova, e testemunhei o silêncio que reinava naquela sala de aula, depois de uma semana de agitação. Porém, ao analisar cada criança com a sua avaliação, concluí que eles não estavam em silêncio porque gostavam daquele momento nem porque entendiam a importância daquelas tarefas. Estavam em silêncio porque temiam ser reprimidos pela professora.

Aos poucos fui entendendo que os alunos compreendiam a avaliação como uma punição, um castigo pelas atitudes inadequadas. Em outro momento, a professora intimou a turma ao dizer que, se não ficassem quietos, aplicaria uma prova. E isso é algo que está internalizado na educação, já que a avaliação é assumida como uma prática disciplinar, como mostraram alguns autores (ESTEBAN, 2000).

Quando assumi a regência da turma, procurei por outros métodos de avaliação, pois a estratégia da Provinha era algo que me incomodava. Sabia da importância de avaliar meus alunos, de conhecer suas características, acompanhar seu desenvolvimento e aprendizagens. E também estava ciente de que, a partir das avaliações periódicas, seria possível diagnosticar não só as dificuldades de cada um, mas também se as minhas aulas estavam sendo efetivas e possibilitando avanços na aprendizagem.

Até que surgiu a ideia do ditado. O ditado seria uma forma de acompanhar as hipóteses de escrita de cada criança, de uma maneira interativa e lúdica. Busquei por diversos tipos de ditado, dos mais silenciosos aos mais barulhentos e, à medida que ia propondo novos ditados, a turma ficava

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

mais empolgada com a atividade. O ditado tornou-se importante instrumento de avaliação, de fixação, dispositivo de verificação da grafia correta das palavras, da estrutura frasal e pontuação.

Os mais proveitosos foram: ditado apagão (palavras escritas e apagadas rapidamente), ditado estourado (com uso de balões), ditado mudo (com uso de objetos), ditado morcegado (quando estudamos sobre os morcegos) e ditado mal-assombrado (com palavras sinistras associadas ao projeto didático). As regras mudavam de acordo com a proposta, mas todos tinham uma característica em comum: as palavras solicitadas eram sempre contextualizadas, em consonância com o projeto que estávamos desenvolvendo. Ao final da atividade, eu solicitava que o ajudante do dia recolhesse as folhas para que eu pudesse levar para casa, analisar e arquivar no Diário de Avaliações, no qual constava uma pasta para cada estudante com seus respectivos trabalhos avaliativos. Realizei vários tipos de ditado, mas descreverei aqui os que foram mais significativos.

No ditado estourado, a presença dos balões coloridos deixava as crianças eufóricas. Cada balão — em torno de dez no total — continha uma palavra do ditado. Por meio de sorteio, a professora retirava o nome de um estudante para vir até o quadro e estourar um balão com um lápis. O estudante deveria ler a palavra em voz alta para o restante da turma, que fazia o registro da mesma nas folhas. A criança que era sorteada para estourar o balão era poupada de fazer o registro da palavra, mas tinha a responsabilidade de ler com clareza para os colegas. Esse exercício possibilitava catalisar a agitação das crianças para uma atividade produtiva.



Figura 3 - Organização prévia do Ditado

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

Fonte: acervo pessoal.

O ditado morcegado aconteceu na semana em que aprendemos curiosidades sobre os morcegos. Para a leitura das curiosidades, usei como recurso um morcego de pelúcia, com a intenção de que fosse o próprio morcego contando para as crianças sobre suas características.

Após a leitura e exploração de algumas palavras na ficha de leitura, conduzi o ditado, conforme explicitado no excerto do planejamento a seguir:

“O morcego (de pelúcia) será quem dirá as palavras, que serão contextualizadas da semana. Ele contará no meu ouvido a palavra, eu escreverei no quadro e deixarei por sete segundos. Após esse tempo, apagarei a palavra, conforme as regras do ditado apagão. As palavras serão: vampiro, mamíferos, natureza, insetos, presas, escuro e extinção (palavra desafio). Também haverá o desafio de escrever uma frase ditada pelo morcego: os morcegos são ajudantes da natureza. Terminado o ditado, recolherei as folhas para avaliação.” (Planejamento 9ª semana, maio de 2019, Diário de Classe)

No ditado apagão, cada criança tinha em mãos uma folha, lápis e borracha, e devia estar atenta ao quadro. No quadro, a professora escrevia uma palavra, previamente escolhida, e contava cinco segundos. As crianças deveriam ler a palavra e escrever em sua folha o mais rápido possível. Ao final dos cinco segundos, a professora apagava a palavra e se preparava para a próxima, escrita somente quando o silêncio fosse restabelecido na turma. As crianças adoravam essa atividade e conseguiam se organizar de forma que a concentração era intensa.

A autora Carolina Monteiro (2016) realizou um importante estudo em relação ao ditado, mais precisamente, um apanhado histórico em relação à persistência do mesmo como prática curricular nas escolas primárias. Com diferentes documentos em mão, um dos objetivos da autora era investigar os motivos pelos quais o ditado permaneceu por tantos anos como prática escolar. Entre os aspectos citados por ela estão a eficácia pedagógica e o controle do professor com sua turma, mas a justificativa que mais chama a atenção é a de que o ditado foi capaz de se reinventar, tanto

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

no que diz respeito à finalidade do seu uso quanto aos artefatos utilizados para potencializar as aprendizagens.

Monteiro (2016) argumenta que o ditado, exercício que pertence à cultura escolar há pelo menos dois séculos, foi um instrumento comumente associado a ordem e disciplina na sala de aula. Em relação ao ensino da escrita, o ditado mostra-se importante não só por se prezar a escrita correta das palavras, mas por possibilitar o ensino simultâneo da leitura e escrita como nova temporalidade no ensino.

Relacionando tais afirmações com a prática do estágio, penso que o ditado surgiu, primeiramente, como forma de combater as “provinhas” de verificação das aprendizagens, temidas pelos estudantes, e que se mostrou eficaz pois tinha também caráter divertido, como um jogo, mas também regras, que conferiam ao ditado seriedade e comprometimento por parte das crianças.

Vale destacar aqui que, apesar de utilizar o ditado como recurso interativo para avaliação, com foco voltado para a alfabetização, a melhor estratégia que coloquei em prática para avaliar meus alunos foi a observação diária, seguida de registros e anotações nos Diários, como se pode verificar no trecho abaixo:

“A. e V. estão conseguindo avançar muito na escrita de palavras! A. está se mostrando mais interessado nas aulas, e V. está mais confiante do seu potencial. (Comentários nos planos diários, 7ª semana, maio de 2019, Diário de Avaliações)

Concordo com Azevedo (2016, p. 45) quando afirma que “o processo de aprendizagem escapa às avaliações em larga escala, pois ele é complexo, ocorre nas pequenas descobertas ou avanços, em conhecimentos diversos que não podem ser mensurados”. Sendo assim, o professor, quando avalia seus estudantes, precisa assumir um papel de observador e questionador e estar atento às pequenas conquistas de cada um.

Dessa forma, acredito ser importante valorizar as etapas do desenvolvimento da aprendizagem de forma individualizada, já que

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.



cada estudante tem seu ritmo e forma de aprender diferente. Ao monitorar e registrar constantemente os avanços das crianças, como é proposto pelo PNAIC<sup>7</sup>, também “é possível compor um perfil da turma, sendo tal acompanhamento fundamental para orientar as ações docentes” (PICCOLI, 2018, p. 22).

Encontrei no ditado, portanto, uma forma de acompanhar a progressão das etapas de alfabetização de cada criança, sem deixar de considerar as situações do cotidiano escolar, e além disso, “o diário, por si só, é um instrumento de avaliação que proporciona esse acompanhamento constante das aprendizagens dos alunos e da própria aprendizagem de ser professora” (AZEVEDO, 2016, p. 40).

Por fim, penso que, ao propor os momentos de leitura, trabalhos manuais e avaliações divertidas, foi possível transformar a agitação e a indisciplina da turma em concentração e motivação, de modo que os interesses dos estudantes estavam sendo contemplados e as aprendizagens ocorriam de forma lúdica, pois as atividades eram bem planejadas e dirigidas.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASSOURA VASSOURA

4ª CONDOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

<sup>7</sup> Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2012).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, destaco “achados” que considero importantes, provindos do decorrer de cada passo da pesquisa. Vale mencionar que, apesar desta ser a última etapa do trabalho, as percepções aqui abordadas não são conclusivas, de modo que a discussão em relação à temática desenvolvida não termina de forma definitiva com esse capítulo final.

Posto isso, diante do objetivo de analisar a minha autoconstituição docente a partir das práticas pedagógicas empregadas no estágio com foco na disciplina-corpo, considero importante ressaltar alguns aspectos apresentados pela pesquisa para que se possa fazer uma retomada do que foi abordado e discutido até este ponto.

Aspectos como os sentimentos de insegurança e tensão associados ao início do estágio, o desafio da gestão da sala de aula com uma turma “borbulhante”, a insegurança com algumas práticas consideradas disciplinares, a análise interpretativa dos Diários produzidos por mim, as pesquisas e autores com os quais dialoguei para sustentar e concretizar meu objetivo e, por fim, os três “achados” da pesquisa em que descrevo as alternativas práticas que encontrei para lidar com os desafios da sala de aula e garantir a progressão das aprendizagens dos estudantes.

O primeiro “achado” da pesquisa sintetiza dois aspectos importantes em relação ao trabalho com Artes em sala de aula. O primeiro ponto é que, através dos trabalhos manuais, do exercício de colocar a “mão na massa”, a turma começou a ter momentos de concentração mais longos e, nesses momentos, foi possível perceber que a motivação das crianças pela atividade proposta era o ponto chave para lidar com a indisciplina. O grupo demonstrava um grande interesse pelo manuseio de materiais de Arte, pelas manifestações artísticas, e o estímulo desse interesse foi o propulsor de novas aprendizagens.

O segundo ponto foi que, ao elaborar os planejamentos e pensar sobre o projeto didático eleito pela turma, percebi que era possível não só aliar as propostas de Arte com as outras áreas do conhecimento, mas potencializar as aprendizagens da turma através dessa aliança, sem que nenhum conhecimento ficasse defasado. As atividades tornaram-se mais interessantes para as crianças e, conseqüentemente, o engajamento era maior.

Já o segundo “achado” da pesquisa foi importante pois, ao contrário do que me confidenciaram na escola, constatei que meu grupo gostava sim do momento da hora do conto, e o que estava faltando era unir a prática de leitura com um gênero literário que fosse do interesse das crianças. Gradualmente, com o passar das semanas, a hora do conto, que contava com motivações prévias potentes, ludicidade e engajamento por minha parte,

começou a se tornar um momento prazeroso para o grupo, de modo que as crianças, entre elas, cobravam o silêncio e concentração para a escuta da história. Descobrir e apostar nesse interesse foi fundamental para o avanço das aprendizagens nas áreas do conhecimento.

O terceiro “achado” de pesquisa diz respeito a uma maneira de avaliar diferente das formas tradicionais de avaliação. Da mesma maneira que se aprende brincando, também é possível avaliar numa brincadeira, num momento de diversão. Os ditados foram importantes no sentido de que não tinham um caráter avaliativo, de repressão, que as crianças pudessem temer. Eram propostos de forma descontraída e lúdica, e havia participação e envolvimento das mesmas. Dessa forma, os ditados conciliaram os momentos de agitação e euforia da turma com os de concentração e dedicação para a escrita das palavras e frases.

Importante destacar que essas práticas pedagógicas foram propostas pensando nas características do meu grupo e felizmente foram assertivas. Mas isso não garante que serão bem-sucedidas com outras turmas, visto que o professor sempre deve avaliar o contexto, os objetivos, os interesses e o perfil da turma. As ideias das práticas também podem ser adaptadas conforme o critério do professor.

Ao desenvolver este trabalho e fazer uma reflexão sobre a experiência de estágio, percebi que a insegurança e tensão iniciais fazem parte dessa oportunidade tão significativa de sentir e viver a docência, de enfrentamento dos desafios, das responsabilidades, dos aprendizados e subsídios que me auxiliaram na constituição do *ethos* docente e me levaram ao encontro da minha identidade como professora, que não é uma identidade fixa, mas que vai se constituindo à medida em que outras experiências são vividas, outros saberes são compartilhados e outras reflexões são despertadas.

Além de fazer essa retomada dos aspectos abordados durante a pesquisa até este ponto, também gostaria de destacar de que forma vejo a continuidade deste estudo. Uma primeira hipótese que lanço é pesquisar de que modo outros professores autoconstituem-se como docentes; outra hipótese seria pesquisar quais práticas pedagógicas, historicamente, têm sido empregadas por professores para lidar com a disciplina escolar. Uma terceira ideia seria de inverter os papéis e pensar de

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

que modo os estudantes autoconstituem-se como sujeitos aprendentes, a partir das práticas pedagógicas propostas pelos docentes ou pela escola, de maneira que reflitam sobre seus conhecimentos, suas ações, o modo como se apropriam desses conhecimentos acadêmicos, entre outros. Estas foram ideias iniciais que me foram despertadas durante o desenvolvimento do trabalho. Entretanto, estou aberta a outras sugestões que possam estar postas e foram despertadas no leitor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo de currículo. *In*: LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ALVES, Nilda. (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011). Acesso em: 01 dez. 2019.

AZEVEDO, Pâmela Silveira de. **O que escapa às avaliações de larga escala? A importância das avaliações de sala de aula**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BAPTISTA, Alessandra Ribeiro. **Saberes em alfabetização: narrativas de professores alfabetizadores da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BARRETO, Magna Sales. **A constituição da profissionalidade de professores das séries iniciais do ensino fundamental**. Recife: UFPE, 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

BEDIN, Thaís;  
VIEIRA, Ethieli. **Uma reflexão sobre o ensino da arte nos anos iniciais do ensino fundamental**. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

do Paraná. Curitiba, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n. 867, de 4 de julho de 2012. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 129, p. 22, 5 jul. 2012. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/07/2012&jornal=1&pagina=22&totalArquivos=140>. Acesso em: 30 nov. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso: 30 nov. 2019.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 40. ed. São Paulo: Autêntica, 1970.

CAMARGO, Dilan. **O vampiro Argemiro**. 4. ed. Porto Alegre: Projeto, 2001.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; FABRIS, Elí Henn. Constituição de um ethos de formação no Pibid/Unisinos: processos de subjetivação na iniciação à docência. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2015.191.07/4574>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

COELHO FILHO, Mateus de Souza; GHEDIN, Evandro Luiz. Formação de professores e construção da identidade profissional docente. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO - COLBEDUCA, 4.; SEMINÁRIO DE CURRÍCULO, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR -CIEE, 2., 2018, Braga; Paredes de Coura. **Anais [...]**. Braga; Paredes de Coura: UDESC; UMinho; UFPA . p. 1-15.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Alexandre de Castro; ALHADEFF; Cris. **Condomínio dos monstros**. Belo Horizonte: RHJ Livros, 2010.

LAGO, Angela. **A festa no céu**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

LAGO, Angela. **Sete histórias para sacudir**

Nome:	CARLOS	Turma:	20A
Ditado mal-assombrado			
1ª	MÚMIA		
2ª	VIZINHO		
3ª	VASSOURA	VASSOURA	
4ª	CON DOMÍNIO		
5ª	ESQUELETO		
6ª	O SONO DA MÚMIA É PESADO.		

o esqueleto. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2002.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero, educação e docência nas artes visuais. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **O domador de monstros**. São Paulo: FTD, 2003.

MILONE, Julian de Camargo. **Formação docente para a educação inclusiva: fragilidades e potencialidades expressas pelos licenciados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MONTEIRO, Carolina. **Ditado: concepções, orientações e práticas de um dispositivo escolar (1939-1971)**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MONTEIRO, Helena. Saiba por que as atividades manuais para crianças desenvolvem a criatividade. **A revista da Mulher**. 2016. Disponível em: <https://arevistadamulher.com.br/faq/25823-saiba-por-que-atividades-manuais-para-as-criancas-desenvolvem-a-criatividade>. Acesso em: 17 set. 2019.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas Faces. **Ciência e Educação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 117-128, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Processos de formação de professoras iniciantes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 87, n. 217, p. 382-400, set./dez. 2006.

NÓVOA, António. **O regresso dos professores**. Pinhais: Melo, 2011.

PEREIRA, Diego Carlos. **Ser bacharel e professor formador de professores: narrativas, formação e identidade**. Uberaba: UFTM, 2016. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

Nome:	CARLOS	Turma:	20A
Ditado mal-assombrado			
1ª	MÚMIA		
2ª	VIZINHO		
3ª	VASOURA / VASSOURA		
4ª	CON DOMÍNIO		
5ª	ESQUELETO		
6ª	O SONO DA MÚMIA É PESADO.		

PICCOLI, Luciana. Diferenciação pedagógica e os direitos de aprendizagem na alfabetização. *In: PICCOLI, Luciana et al. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa PNAIC UFRGS: práticas de alfabetização, aprendizagem da matemática e políticas públicas* [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 19-40. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Pacto%20Nacional%20pela%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20PNAIC%20UFRGS%20-%20e-book.pdf> Acesso em: 24 nov. 2019

PINTO, Marinez de Andrade. **Leitura nas séries iniciais:** literatura infantil. UFRGS, 2010. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROLDÁN, Gustavo. **Como reconhecer um monstro.** São Paulo: Jujuba, 2011.

RUSCHEL, Silvia Pellegrini. Ler e escrever: o trabalho com a autoria na clínica psicopedagógica. *In: RUBINSTEIN, Edith Regina (Org.). Psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 303- 323.

SILVA, Geisa Natália da Rocha. **As práticas curriculares de professoras do ensino fundamental fabricadas no cotidiano escolar:** discursos pensados-vividos sobre o planejamento de aula. Pernambuco: UFPE, 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Anotações sobre as relações entre teoria e prática.** Revista Educação em foco, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 113-140, mar./jun. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Regulação social e disciplina. *In: SCHMIDT, Saraí (Org.). A educação em tempos de globalização.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas.** Porto Alegre: UFRGS, 1996. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

XAVIER, Maria Luisa M. **Os incluídos na escola:** o disciplinamento nos processos emancipatórios. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.

desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. . Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

Nome: CARLOS Turma: 20A

Ditado mal-assombrado

1ª MÚMIA

2ª VIZINHO

3ª VASOURA / VASSOURA

4ª CON DOMÍNIO

5ª ESQUELETO

6ª O SONO DA MÚMIA É PESADO.